



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://colouquio.gulbenkian.pt>

---

## A correspondência familiar de Almeida Garrett

Sérgio Nazar David

Para citar este documento / To cite this document:

Sérgio Nazar David, "A correspondência familiar de Almeida Garrett", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 23-33.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# A correspondência familiar de Almeida Garrett

SÉRGIO NAZAR DAVID

## I.

As duas edições que hoje devem necessariamente ser ponto de partida para um volume da correspondência familiar de Almeida Garrett são: a de 1904, *Cartas Íntimas*, volume XXVIII das *Obras Completas de Almeida Garrett*, organizadas por Teófilo Braga<sup>1</sup>; e a de 1961, *Cartas Apologéticas e Históricas*, de responsabilidade de Segismundo Spina<sup>2</sup>.

O volume de Teófilo Braga é maioritariamente composto de cartas a amigos. Mas inclui como lote mais importante um conjunto de 32 cartas à filha, sendo quatro com transcrição duplicada, por equívoco do organizador. São, portanto, 28 cartas à filha<sup>3</sup>. Não traz cartas ao irmão mais velho Alexandre José, que viveu no Porto durante toda a sua vida adulta.

O volume de Spina reúne 27 cartas: 12 de Garrett a Alexandre; e 15 de Alexandre ao irmão João Batista.

Também Gomes de Amorim<sup>3</sup> transcreve documentação de procedência variada sobre as relações familiares de Garrett, incluindo trechos de cartas trocadas entre os irmãos, para além das valiosas informações que foi colhendo aqui e ali, em conversas e fontes de toda a sorte.

O trabalho que vimos desenvolvendo, de edição da *Correspondência Familiar*, de Almeida Garrett, sob a supervisão geral de Ofélia Paiva Monteiro, abarca vários estágios (transcrição, fixação do texto, anotação, redacção de «Introdução» ao volume), devendo concluir-se em Julho de 2010, para publicação pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Detemo-nos aqui, inicialmente, em aspectos sumários, atinentes à procedência e à natureza dos materiais. A seguir, avançamos para um objectivo mais específico: a análise do conteúdo do conjunto mais valioso (as cartas ao irmão).

## 2.

Um volume de correspondência quase nunca é completo. O trabalho das gerações de pesquisadores pode, no entanto, ampliar e completar um pouco mais, através de novos textos, em novas edições, um determinado conjunto de cartas.

O objectivo de se editar a correspondência de um escritor não é traçar o quadro inteiro de uma vida, embora não se deva excluir a hipótese de a edição vir a contribuir de algum modo para a crítica biográfica. Também, no caso específico do nosso empreendimento relativamente a Garrett, não está inteiramente descartada a possibilidade de demonstrar — e disto tirar benefícios — maior ou menor grau de literariedade que o epistolário possa conter. Sabemos que, em princípio, cartas não são literatura, o que não significa que o literário esteja dali completamente excluído.

Mas os objectivos maiores que justificam a publicação de um volume de correspondência de um escritor estão no âmbito da crítica genética, da historiografia literária e da história social (nas esferas pública e privada) de uma época. A correspondência pode trazer-nos esclarecimentos valiosos acerca dos procedimentos e da génese de uma obra, do mundo literário de outrora (redes de relações entre artistas e intelectuais) e dos posicionamentos mais íntimos de um artista face aos dilemas maiores da sua época.

A correspondência pode esclarecer aspectos referentes à preparação da obra literária. Muitas vezes numa carta temos a notícia do início do processo criador e das dúvidas do escritor a respeito deste ou daquele caminho que se apresentam num dado momento do seu trabalho. A um amigo, a um familiar próximo, um escritor por vezes declara sem reboços as suas motivações mais íntimas, os seus temores ao publicar um livro, as suas impressões acerca do acolhimento por parte do público e da crítica.

Com a correspondência aproximamo-nos mais do autor, e assim podem ganhar novos relevos e contornos personagens e situações da ficção, bem como esclarecer-se posicionamentos políticos que não precisam ou por vezes não podem apresentar-se cruamente em obra de criação. O conhecimento da correspondência chega, eventualmente, a mudar o perfil de um escritor. Se não, poderá pelo menos trazer luz a aspectos que até então tinham permanecido à sombra, ou duvidosos, ou reforçar algo que já sabíamos, colaborando para o conhecimento do tempo histórico em que o homem e a obra se inserem.

## 3.

Spina reuniu 27 cartas trocadas entre os irmãos Alexandre e João Batista. Trabalhou sobre cópias (da mão de Ferreira Lima), que ainda hoje estão disponíveis para consulta (Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Sala Ferreira Lima).

Na introdução ao volume *Cartas Apologéticas e Históricas*, lemos:

Pouco antes do seu falecimento, no mesmo ano em que organizava o *Inventário Literário do Espólio de Garrett*, o Cel. Henrique de Sousa Ferreira Lima, eminente autoridade em estudos garrettianos, obteve do Sr. Alexandre Proença de Almeida Garrett<sup>4</sup> a amável permissão de copiar o referido maço de correspondência, cópia que se efectuou durante os meses de Junho e Julho de 1947. É nesta reprodução manuscrita que se baseia a presente edição, cujas lacunas e obscuridades se explicam, ora pelas condições psicológicas em que as cartas de Alexandre foram escritas, ora pela letra algumas vezes ininteligível dos originais, ora pelos lapsos naturais da reprodução feita pelo saudoso garretista.<sup>5</sup>

Ferreira Lima faleceu em 1949. Em nota, apensa à página 9, de *Cartas Apologéticas e Históricas*, Spina agradece a amabilidade da filha de Ferreira Lima e seu esposo, que permitiram a publicação da cópia, «cujos originais tiveram infelizmente paradeiro ignorado»<sup>6</sup>.

Integram o volume de Spina 12 cartas de Garrett ao irmão, das quais nove já hoje têm os seus originais na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Outras três ainda só podem ser conhecidas através das cópias arquivadas na Sala Ferreira Lima, utilizadas por Spina para a edição de 1961.

Actualmente o espólio Garrett da Biblioteca Nacional (em Lisboa) tem 51 cartas inéditas do escritor ao irmão Alexandre. A Sala Ferreira Lima, em Coimbra, tem uma carta inédita.

Chegamos agora ao total de 64 cartas de Garrett ao irmão Alexandre José: 60 cartas em originais na Biblioteca Nacional; três cartas em cópias manuscritas na Sala Ferreira Lima (com letra de Ferreira Lima); uma carta original na Sala Ferreira Lima. Dito de outro modo: nove cartas em cópia de outra mão (Sala Ferreira Lima), cujos originais se encontram na BNP; três cartas em cópia de outra mão (Sala Ferreira Lima), cujos originais a BNP não possui; 51 cartas originais e inéditas na BNP; uma carta original e inédita na Sala Ferreira Lima.

#### 4•

A correspondência que temos entre os irmãos João Batista e Alexandre José começa em 1821, ano em que Garrett chega a Lisboa, vindo dos Açores, em viagem feita quase no fim do curso universitário<sup>7</sup>, começado em Coimbra, em 1816.

Já aqui temos um dos temas fundamentais da obra garrettiana, a ligação com o século das Luzes, que se manifesta no apelo ao irmão para que busque ilustrar-se: «Tu... tu ainda não entraste nas verdadeiras ideias, nem no meca-

nismo das actuais cousas. Toma o meu conselho: trata de te *iluminar*, de te fazer gente, e não terás receios sobre a tua futura sorte.»<sup>8</sup>

Em carta de 1822, Garrett seguirá:

*Uma cousa em que te falei à [sic] tempos* eis aí o teu grande crime — Que cousa é essa? Será dizer-te eu que devias *iluminar-te*, falou-te mais alguém nisso? Como te falou? que respondeste tu? — Sempre assim te conheci, e sempre assim há-de ser, inimigo do Português claro, e limpo. — Quando te eu disse que devias *iluminar-te*, disse-to porque sou teu amigo; respondeste-me tanta parvice, e desconcerto, que assentei não te falar mais nisso. Eu queria dizer-te que entrasses na Maçonaria, ordem augusta, e santa que conta no seu seio as primeiras pessoas do mundo por suas luzes dignidades e virtudes, Papas Bispos reis [E]<sup>9</sup>tc que contou em seu seio [...] <sup>10</sup> virtuoso [...] <sup>11</sup> e mil outros varões distintos, e bem conhecidos dum cabo do mundo ao outro, e que eu te enumeraria se o sagrado vínculo de um terrível juramento mo não vedasse. Mas nada me veda que eu te diga que tanto tem a Maçonaria com a Religião como um ovo com um espeto. Assim católicos, protestantes, Muçulmanos, Judeus, de todas essas religiões há maçons, porque não é outro o fim da maçonaria senão unir os homens todos, fazer que onde quer que chegue um homem ache irmãos seus, que o reconheçam por tal, que o amparem, que o socorram, que o agasalhem. Este é o fim primário; e a grande virtude da caridade é a base sagrada da augusta ordem Maçónica. Além disso ela se tem empregado na santa causa da liberdade e dum canto do mundo ao outro, desde os confins da península até ás extremidades da Ásia vai fazendo redobrados esforços por libertar os homens, e fazê-los felizes. — Que tem isto de comum com a Religião? — Nada, nada, palavra de honra que é cousa mais sagrada que há para mim, e para todo o bom maçom. — Mas deixemos isso; não queres ser verdadeiramente homem, não o sejas, tua perda.<sup>12</sup>

O tema da maçonaria, que não aparece na obra de Garrett senão sob a forma de um apelo ao esclarecimento, tem aqui expressão nítida. Mais: Garrett mostra ao irmão um preconceito da época, que era julgar a maçonaria uma ordem avessa à religião, mais especificamente ao cristianismo. O miguelismo colaborou bastante para que, sob o rótulo de «pedreiros livres», ficassem todos aqueles que pugnavam por uma sociedade mais democrática. Ao instar o irmão a que se ilustrasse, Garrett mostra-nos até onde ia a sua crença nas Luzes, o quanto se lutava dentro das fileiras cristãs por uma religião mais afeita aos moldes liberais. No apelo de Garrett, vemos um cristianismo dividido. Mas vemos também um liberalismo dividido.

Nos anos 30, vencidos os miguelistas, Garrett está em Bruxelas<sup>13</sup>, e já tem reservas em relação a alguns liberais (provavelmente a maioria), cha-

mados então «devoristas». Vêm as perseguições aos católicos do Porto. Casas são invadidas, bens dos chamados cismáticos<sup>14</sup> são apreendidos. Por carta, Garrett conversa com o irmão sobre o assunto. Já de volta a Lisboa, quer que venha do Porto um padre culto que pudesse instruí-lo na defesa dos católicos das províncias do Norte perante as Cortes Constitucionais, onde já está eleito deputado e pretende discursar sobre o assunto (como de facto o fez<sup>15</sup>).

Mais à frente, já no final da década de 30, quando luta por reeleger-se, teme ser rejeitado pelos liberais e pede ao irmão que fale do seu nome aos católicos mais esclarecidos do Porto:

Eu a falar-te a verdade tenho ambição de ser deputado pelo Porto. Não quererão diligenciar a minha eleição os católicos? — Uma das guerras que os nossos [liberais] exaltados me fazem [...] é dar-me por traidor, dizem eles, e defensor dos cismáticos. Far-me-ão estes o mesmo? — Espero que não, e sei que se a mesma eleição que é apoiada pelos constitucionais moderados, se também o for pelos católicos é infalível.<sup>16</sup>

Vendo a sociedade dividida, à esquerda e à direita, Garrett busca o «justo meio». Longe de ser uma posição oportunista, está aqui o homem que passou por dois exílios, que sabe o que são lutas fratricidas<sup>17</sup>, e que quer a sua terra livre das turbulências das revoluções, sem que com isto se tenha de abrir mão da liberdade e do cristianismo (este também bafejado pelos novos ares da democracia do século)<sup>18</sup>. Vejamos:

O meu empenho é a reconciliação da família portuguesa, pela Religião de Jesus Cristo, e pela política da moderação[,] da justiça e da equidade. — Se esta profissão de fé religiosa e política não agradar, não posso nem quero dar outra, porque nesta espero e confio em Deus que me criou, que hei-de morrer abraçado com a sua Cruz. Também será bom que alguns deputados venham que representem o partido político do que eu chamo a antiga monarquia para advogarem os interesses dos seus, para os defenderem das calúnias dos exaltados, para comunicarem com todos os Portugueses na direcção das coisas públicas que são de nós todos, e não exclusivamente dos que professam este ou aquele princípio político.<sup>19</sup>

No final da década de 30, Garrett tem postos de importância no governo setembrista. Há aqui uma proximidade muito grande com o grupo de Passos Manuel, curiosamente muito semelhante à que tivera nos anos 20 com vários membros do Sinédrio portuense (os irmãos João e José da Silva Carvalho, entre outros).

Em 1842, vemo-lo afastado do cabralismo, já na oposição:

Eu deixei de apoiar o Ministério desde que ele absolutamente declarou, por seus actos, que queria governar no interesse exclusivo de um partido. É contra a minha religião política; tenho professado toda a vida opiniões contrárias, sou confessor e mártir desta crença; declarei-me em oposição e continuo. Sou mais alguma coisa que coerente, sou teimoso enquanto me movo de justiça. Posso enganar-me; errar de propósito, nunca.<sup>20</sup>

A passagem à oposição deu-se mais precisamente quando o ministério chefiado por Joaquim António de Aguiar, que tinha António José d'Ávila na pasta da Fazenda, quis extinguir o Conservatório Dramático.

É neste ponto da sua vida de homem público que começa a escrever e conclui as *Viagens na Minha Terra* e *Frei Luís de Sousa*. Também aqui não se confunda isto com desilusão em abstracto com o liberalismo. Garrett sabe que tem sob os pés um mundo em transformação, que labora, no âmbito dos assuntos públicos, por algo ainda em curso: «A revolução que já tem vinte e tantos anos entre nós», escreve ao irmão, «ainda não assentou [...] o nosso mal foi nascermos no meio dela.»<sup>21</sup>

Na Regeneração, Garrett adquire novamente posição de algum destaque na cena política: recebe o título de visconde, em 25 de Junho de 1851<sup>22</sup>, em duas vidas, supondo que a segunda vida se verificaria em sua filha (o que afinal não se deu); assume a pasta dos Negócios Estrangeiros, de 4 de Março a 17 de Agosto de 1852; luta pelas nomeações de dois sobrinhos, Tomás e Rodrigo, para a Marinha e a Magistratura. Vemos, neste passo, o quanto é frágil a sua proximidade com os regeneradores, mais precisamente com Rodrigo da Fonseca Magalhães, amigo de vida inteira, com quem termina por romper em 1852<sup>23</sup>.

João Batista reclama com o irmão Alexandre, que tarda a nomeação do sobrinho Rodrigo, que é por fim preterido por outro protegido do Ministro. Garrett acaba por sair do Ministério de Estrangeiros: «Dá-me parabéns», é como inicia carta de 13 de Setembro de 1852,

que os quero pela minha saída do Ministério. Em Portugal é lugar onde não pode parar muito tempo um homem de bem e amante de seu país — seja o sistema de governo qual for, e seja rei quem for. — Disto agora, mais que nunca me convenci. Desgraçado reino votado às facções e à próxima dissolução!<sup>24</sup>

Em finais de 1853, morre a rainha D. Maria II. Garrett não se reconcilia com os regeneradores, até morrer num final de tarde de sábado, 9 de Dezembro de 1854.

## 5.

Esboçámos aqui, em traços rápidos, a trajectória política de Garrett, através das cartas ao irmão. As circunstâncias citadas guardam enormes relações com a obra, como sabemos.

Há também nesta correspondência farto material para um estudo da esfera mais íntima da vida no Portugal da primeira metade de Oitocentos: as aflições e os enormes padecimentos provenientes dos tíbios avanços da medicina de então; o silêncio e a reserva que se impunham na separação de qualquer casal (Garrett não toca no nome de Luísa Midosi); as circunstâncias que envolvem a vergonha e as dificuldades de legitimação de uma filha chamada à época «natural»; as distâncias consideradas enormes — e efectivamente o eram —, e que terminavam por separar os membros de uma mesma família; os inícios de uma maior liberdade na vida familiar, onde os filhos começam a ter um pouco mais de liberdade de escolha no campo dos afectos. Tudo isto está na correspondência, e está também na obra de Garrett. No volume que preparamos, cada um destes pontos tem enorme relevância.

Finalizamos agora referindo o título de visconde que Garrett recebeu em 1851. Já à época causou espanto e indignação.

A. P. Lopes de Mendonça, em folhetim de 7 de Agosto de 1852, faz os leitores d'*A Revolução de Setembro* lembrarem-se do que escrevera Garrett em *Viagens na Minha Terra*: «Há muitos que não sabem que o sr. Visconde d'Almeida Garrett escreveu o capítulo contra os barões nas *Viagens* [na] minha terra, e que aceitou o título de visconde, isto é, barão e meio, como se nunca tivesse pegado em pena na sua vida»<sup>25</sup>.

Gomes de Amorim afirma que teria sido por causa da filha que João Batista aceitou o título<sup>26</sup>. Amorim foi escolhido pelo próprio Garrett para lhe escrever a biografia. Amigo, secretário particular, prepara ao longo de décadas os três volumes monumentais que termina por publicar (o primeiro em 1881, os dois últimos em 1884). O seu testemunho, as suas análises trazem sempre muita verdade, que não deixam de gerar também certa dose de suspeita. Ficou, portanto, a dúvida.

Mas de que serve interrogarmo-nos relativamente a esta dúvida? Porque disto decorrem ilações e argumentos que servem a hipóteses que vimos combatendo. Uma delas tenta sustentar a hipótese do Garrett «dândi», alheio ao que se passava na esfera social, já ao fim da vida céptico. Outra fala do Garrett «conservador», que teria voltado as costas aos setembristas. Para ambas, serve muito bem a carapuça — enganosa, a meu ver — do homem que se teria deixado vencer, capitulando, como o Carlos de *Viagens na Minha Terra*, ao abrigo do baronato. O título de visconde seria uma espécie de suicídio moral. Contra tais proposições, argumentamos...

A correspondência mostra-nos que Gomes de Amorim disse a verdade. Garrett tinha uma saúde frágil, não era rico, tinha uma filha natural (embora já legitimada por processo que corra no Porto, tendo o irmão por testemunha). Que futuro podia almejar uma menina órfã de pai e mãe numa situação destas? Garrett aceita o título com a condição de que fosse em duas vidas, para que assim (como viscondessa) ficasse a filha Maria Adelaide em condições de ter um casamento vantajoso. Dirão que foi calculista este João Batista, e que sem dúvida alguma amava tais distinções. Tudo indica que sim. Mas também parece saber sobre que bases se alicerça o mundo em que vive. A sua personalidade comporta tais paradoxos. Vejam o que diz ao irmão em carta de 9 de Julho de 1850:

A minha Adelaide já fez dez anos — como passa o tempo — e em breve começam os trabalhos e cuidados que para mim serão e são duplicados porque sou pai e mãe. — Demais que, não tendo dote que lhe dar, preciso recorrer nos meios artificiais de lho suprir. Pelo que (fique por ora em completo segredo entre nós) lhe quero quanto antes arranjar um título que possa fazê-la aceitável, pobre como é, de alguma família das que não faltam que, tendo bens de fortuna, precisam de ilustração nobiliária. Com isto e com o nome de seu pai que dizem não ser obscuro, veremos o que posso fazer antes de morrer, se Deus mo permitir.<sup>27</sup>

Na de 25 de Julho de 1851, quando já usa o título, pondera:

[...] não aceito por ora parabéns do título de Visconde com que Sua Majestade se dignou agradecer-me em 2 vidas (sem os quais o não teria aceito) enquanto não ultimar as diligências necessárias para se verificar desde já em minha filha a 2.<sup>a</sup>. Com a cláusula de ser comunicado ao marido com que se casar.<sup>28</sup>

Sendo um escrito íntimo, a carta tem muita verdade. Não foi redigida para ser publicada. Tem, portanto, poucas máscaras, embora também comporte a mentira e a dissimulação. Mas muito dificilmente estaria aqui — convenhamos — mentindo João Batista ao irmão Alexandre, com quem se correspondeu durante toda a vida, e de quem estava afastado desde a juventude.

Maria Adelaide afinal não teve o título de viscondessa, afirma Gomes de Amorim. Mas as diligências de Garrett parecem ter mesmo sido neste sentido, embora sem sucesso.

Próximo e distante, este irmão, Alexandre José, de quem fora nos anos 20 quase inimigo, com quem se vai reconciliando ao longo da vida, está longe de ser um miguelista estúpido e fanático. Pelo contrário, a sua correspondência com João Batista, que integra o espólio Garrett da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (ao todo 54 cartas, 39 inéditas), mostra-nos um

homem de razoável cultura, defensor de uma religião severa e apartada dos assuntos políticos. Bate-se contra as perseguições aos católicos e não poupa, entre os liberais, aqueles (os «devoristas») que agem sem moderação: «prometeram ser Titos», regista, «têm sido Neros», completa; são «algozes» a «devorar o apoucado alimento, que trabalhos de um ano inteiro arrancaram à terra para um ano inteiro nos alimentar e a nossos filhos»; «são tiranos, que, pregando a liberdade, fazem cruenta guerra a nossos corpos para escravizar até as nossas almas»<sup>29</sup>.

Este conjunto maior (correspondência entre os irmãos João Batista e Alexandre José) traz — como esperamos ter demonstrado nos seus pontos capitais — novos documentos, importantes para avaliações mais precisas da obra de Garrett, mas também para maior compreensão da história social e das ideias de Oitocentos. Os documentos que aparecem agora não mudam substancialmente o que já sabíamos sobre o autor, antes comprovam e reforçam as teses fundamentais das suas obras: as suas ligações com o século das Luzes; o seu romantismo bafejado de classicismo; o seu empenho por uma literatura que não descurasse do aspecto formativo e civilizacional com que pretendia forjar novos leitores e um novo país, sem rupturas violentas, que talvez pusessem a perder o trabalho de uma geração<sup>30</sup>. É um modo bastante particular de ver a sociedade e a história, do qual se pode discordar, evidentemente. Mas que isto não sirva de argumento para desqualificar um modo (equilibrado e prudente) de pensar o homem no mundo.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Almeida Garrett, *Cartas Íntimas, Obras Completas de Almeida Garrett*, vol. XXVIII, edição revista, coordenada e dirigida por Teófilo Braga, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1904.
- <sup>2</sup> J. B. Almeida Garrett & A. J. Almeida Garrett, *Cartas Apologéticas e Históricas*, introd. e notas de Segismundo Spina, Coimbra, Coimbra Editora, 1961.
- <sup>3</sup> Na sala Ferreira Lima, em Coimbra, há originais de 21 cartas a Maria Adelaide. Destas, 10 já tinham sido editadas por Teófilo Braga em 1904. As outras 11 são inéditas, a serem acrescentadas às 28 editadas por Teófilo e ao pequeno trecho transcrito por Gomes de Amorim. Ao que tudo indica, temos hoje 40 cartas de Garrett à filha.
- <sup>3</sup> Francisco Gomes de Amorim, *Garrett — Memórias Biográficas*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884.
- <sup>4</sup> Neto de Alexandre José da Silva de Almeida Garrett.
- <sup>5</sup> Segismundo Spina, «Introdução» a J. B. Almeida Garrett & A. J. Almeida Garrett, *ob. cit.*, p. 8-9.
- <sup>6</sup> Idem, *ibid.*, p. 9.

- <sup>7</sup> A viagem teve certamente motivações políticas ligadas à Maçonaria: intervir favoravelmente nas agitações contra o capitão-general nomeado por D. João VI para o governo dos Açores, Francisco de Borja Garção Stockler, que não reconhecia a legitimidade das instituições de Lisboa e da constituição que se preparava. V. Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. I, 1881, p. 210-7; Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett*, vol. I, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971, p. 198-203.
- <sup>8</sup> Espólio Garrett, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), cota N8/8, Lisboa, 11 de Outubro de 1821. A palavra sublinhada é do original.
- <sup>9</sup> O manuscrito apresenta um buraco nesta parte do texto.
- <sup>10</sup> Palavra riscada por outra mão.
- <sup>11</sup> Palavras riscadas por outra mão.
- <sup>12</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/10, Lisboa, 20 de Junho de 1822. Os trechos sublinhados são do original.
- <sup>13</sup> Garrett chegou a Bruxelas em Julho de 1834, como encarregado de Negócios Estrangeiros e Cônsul Geral de Portugal. A nomeação é de 4 de Fevereiro de 1834. Segundo Amorim, com isto «lhe tapavam a boca», lisonjeavam-lhe «o amor próprio». E completa: «Quando todos estavam aborrecidos de viver fora do país natal, cansados de viagens, suspirando pelo sossego plácido do lar, por ver e ouvir os seus, por que razão iria esse homem de tanto coração, tão grande poeta e tão apegado à língua e às coisas nacionais, peregrinar de novo em terra estranha?! Não lho perguntei nunca. Enfastiado, provavelmente, de ver como as coisas corriam, logo no começo da restauração, voluntariamente quis arredar-se do caminho das nulidades, que aspiravam a tudo quanto havia de mais rendoso, e tudo conseguiam». V. Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. II, 1884, p. 31-2.
- <sup>14</sup> O cisma da Igreja em Portugal vem na sequência da vitória liberal e da extinção das ordens religiosas em 30 de Maio de 1834. Os liberais, já no poder, não reconhecem os bispos nomeados durante o miguelismo. Nomeiam-se novos vigários, o que termina por gerar «uma fractura de legitimidade religiosa na organização interna da Igreja Católica». Ver Manuel Clemente & António Matos Ferreira, «Introdução Geral», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 30.
- <sup>15</sup> O discurso de Garrett é de 1 de Julho de 1839. V. Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. II, p. 510-2.
- <sup>16</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/39, Lisboa, 8 de Março de 1840.
- <sup>17</sup> V. Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, ed. crítica de Ofélia Paiva Monteiro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, cap. VIII: «Porque será que aqui não sinto senão tristeza? // Porque lutas fraticidas não podem inspirar outro sentimento e porque...» (p. 146-7).
- <sup>18</sup> Ver Maria de Lourdes Lima dos Santos, *Para Uma Sociologia da Cultura Burguesa em Portugal no Século XIX*, Porto, Editorial Presença, 1983. Do capítulo «Sobre os Intelectuais Portugueses no Século XIX (do Vintismo à Regeneração)», destacamos: «Já em 1837, umas das figuras de maior destaque da *intelligentsia* de então, Garrett, um moderado, fora dos primeiros a exprimir aquela tendência do Parlamento; curiosamente, fizera-o invocando a sua qualidade de homem de letras independente e apelando para as virtudes do diálogo enquanto confronto de pontos de vista capaz de conduzir ao esclarecimento e daqui à conciliação» (p. 99).
- <sup>19</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/39, Lisboa, 8 de Março de 1840.
- <sup>20</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/41, Lisboa, 3 de Abril de 1842.
- <sup>21</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/45, Lisboa, 27 de Junho de 1844.

- <sup>22</sup> V. Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. III, 1884, p. 296.
- <sup>23</sup> Sobre as circunstâncias do rompimento com Rodrigo da Fonseca Magalhães, v. Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. III, 1884, p. 358-91.
- <sup>24</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/65, Lisboa, 13 de Setembro [de 1852].
- <sup>25</sup> A. P. Lopes de Mendonça, *A Revolução de Setembro*, 7 de Agosto de 1852.
- <sup>26</sup> Francisco Gomes de Amorim, *ob. cit.*, vol. III, 1884, p. 301-3.
- <sup>27</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/57, Lisboa, 9 de Julho [de 1851].
- <sup>28</sup> Espólio Garrett, BNP, cota N8/63, Lisboa, 25 de Julho de 1851.
- <sup>29</sup> Carta de Alexandre José, de 2 de Fevereiro de 1839, in J. B. Almeida Garrett & A. J. Almeida Garrett, *ob. cit.*
- <sup>30</sup> Sobre os aspectos citados, na obra de Garrett, ver Ofélia Paiva Monteiro, *O Essencial sobre Almeida Garrett*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001. Ver também Ofélia Paiva Monteiro, «A Modernidade Romântica em Garrett», *Revista Matraca*, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ano 13, n.º 18, 2006, p. 45-63.